

# Violência doméstica para com as mulheres em período de quarentena (COVID-19)

*Iracema Bunga*

Docente e Membro do Conselho Científico de Psicologia no Instituto Superior Politécnico Tundavala-Lubango, Angola

DOI: <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2022.41/pp.89-100>

## Resumo

A violência doméstica configura um fenómeno transversal que acomete todas as classes socio-económicas, etnias, faixas etárias e géneros. Para o estudo da violência doméstica, selecionou-se uma amostra de 68 mulheres, do município do Lubango, Huíla (Angola). O requisito principal foi de se encontrarem a coabitar com os respetivos parceiros durante o período de confinamento obrigatório. A pesquisa teve como objetivo verificar se existe uma relação entre a subida dos casos de violência doméstica contra mulher e o fato de as famílias estarem em isolamento social por conta da pandemia da COVID-19. Como resultados, encontrou-se que a maioria das mulheres inquiridas no município do Lubango são casadas e mantiveram boas relações com os parceiros e com os restantes familiares durante a quarentena. A maioria das inquiridas não evidenciou violência durante o confinamento. No que toca ao total de violência e aos sentimentos inerentes à ansiedade, os resultados indicaram uma predominância moderada.

**Palavras-chave:** violência doméstica; mulheres; período de confinamento; COVID-19.

## Abstract

Domestic violence is a cross-sectional phenomenon which affects all socioeconomic classes, ethnicities, age groups and genders. For the study of domestic violence, a sample of 68 women was selected from the municipality of Lubango. The main requirement was that they had been cohabiting with their respective partners during the same period. The research aimed to verify if there is a relationship between the increase in cases of domestic violence against women and the fact that families are in social isolation because of the COVID-19 pandemic. As a result it was found that most of the women surveyed in the municipality of Lubango were married and maintained good relations with their husbands and other family members during the quarantine. Most respondents did not evidence violence during confinement. Regarding the total amount of violence and feelings inherent to anxiety, the results indicated a moderate predominance.

**Keywords:** domestic violence, women, confinement period, COVID-19.

## Introdução

Com o surgimento do novo coronavírus, atualmente conhecido como doença da COVID-19, várias foram as medidas adoptadas pelo governo angolano no sentido de evitar a propagação da doença entre os residentes. Uma das medidas impostas foi o confinamento social, reconhecido como período de Estado de Emergência. O mesmo período durou um pouco mais de dois meses e com ele as pessoas viram-se obrigadas a ficar em casa, salvo algumas exceções.

Com a permanência de várias semanas em casa sem sair, vários foram os casais que aproveitaram para fortalecer laços afetivos, porém, tendo como base algumas realidades, foi verificada uma subida dos casos de violência doméstica contra as mulheres como consequência do tempo ininterrupto de convívio entre os casais. Tal como declaram Alencar, Stuker, Tokarski, Alves e Andrade (2020) com a pandemia da COVID-19, foi obrigatório implementar-se o isolamento social. Este isolamento teve impacto na vida das pessoas, sendo que uma das consequências foi o aumento da violência no seio familiar, especificamente contra a mulher.

O crescente número de casos de violência doméstica contra as mulheres pelo mundo motivou o estudo em causa, pois procurou-se indagar se, na realidade angolana, também houve um crescente número de casos ligados ao confinamento social imposto. Esse aumento do número de casos de violência foi notório. Como exemplo temos a China, primeiro país a abraçar o isolamento para prevenção da Covid-19, verificou-se que o número de denúncias de violência doméstica em 2020 dobrou durante o confinamento comparado com o mesmo período de 2019. Também na França, os abusos domésticos reportados à polícia subiram 36% em Paris e 32% no resto do país. Na Espanha, a subida dos casos foi de 47%. Na Colômbia, verificou-se um drástico aumento para 163% e na África do Sul, as linhas telefônicas de denúncias tiveram o dobro de ligações desde o início do confinamento em 27 de Março (Alencar, Stuker, Tokarski, Alves & de Andrade, 2020).

Segundo a OMS a violência é definida como o “uso intencional da força física ou do poder, sob a forma de ato ou de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, perturbações do desenvolvimento ou privação” (Krug *et al.*, 2002, p.5, citados por Redondo, Pimentel, Correia & Vicente, 2012). A violência contra as mulheres constitui o tipo de violência mais generalizado de abuso dos direitos humanos no mundo.

A Assembleia Geral das Nações Unidas (1993) definiu oficialmente a violência contra as mulheres como: “qualquer acto de violência de género que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico ou sofrimento para a mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária da liberdade, quer ocorra em público ou na vida privada” (Day, *et al.*, 2003, p.15).

Na violência doméstica contra a mulher, o abuso pelo parceiro íntimo é mais comumente parte de um padrão repetitivo, de controle e dominação, do que um ato único de agressão física. O abuso pelo parceiro pode ser operacionalizado

das mais variadas formas, tais como agressões físicas como golpes, tentativas de estrangulamento e queimaduras, quebras de objetos favoritos, móveis, ameaças de ferir as crianças ou outros membros da família, agressão psicológica através de intimidações, agressão sexual, comportamentos de controle, como sendo, forçar a mulher em relação à sua família e amigos, vigilância constante de suas ações e restrição de acesso a recursos variados (idem).

### **Metodologia**

O estudo em causa recorreu a um *design* descritivo correlacional de abordagem quantitativa, pois fez-se recurso ao teste  $X^2$  para independência, especificamente, para analisar se a violência doméstica está associada ao isolamento social imposto pela covid-19.

### **Amostra**

Para o presente estudo selecionou-se uma amostra de 68 mulheres, com idades compreendidas entre os 22 e os 67 anos, do município do Lubango, Angola. O requisito principal foi de se encontrarem a coabitar com os respetivos parceiros durante o período de Estado de Emergência.

### **Instrumentos de recolha de dados**

O instrumento é dirigido a mulheres casadas ou que vivem em comunhão de fato e é constituído por duas partes. A primeira contém 9 itens que medem o comportamento do casal durante o confinamento pela COVID-19 e a segunda por 8 itens que medem os sentimentos da mulher durante esse período. Com vista a verificar a fidelidade do instrumento, aplicou-se o *alpha de Cronbach*, que teve como resultado .727, mostrando uma razoável consistência interna.

### **Resultados e Discussões**

Considerando o período de Estado de Emergência e, uma vez que algumas mulheres apresentaram-se céticas em participar da pesquisa por causa da pandemia pelo COVID-19, trabalhou-se com apenas 68 mulheres, que assinaram a ficha de consentimento informado, à qual se anexou o inquérito com as questões a serem preenchidas. As mesmas disponibilizaram-se em os preencher e fizeram a devolução do instrumento logo que possível.

**Tabela 1.** Dados sociodemográficos (esposa e marido)

Variáveis		Frequências	Percentagens
Estado civil	Casada	48	70,6
	União de facto	20	29,4
Vezes que saiu de casa	Não saí	2	2,9
	1 vez por semana	28	41,2
	Várias vezes na semana	28	41,2
	Todos os dias	10	14,7
Motivo	Compras	28	41,2
	Trabalho	12	17,6
	Outro	26	38,2
	100	2	2,9
Vezes que marido saiu	Não saiu	4	5,9
	1 vez por semana	10	14,7
	Várias vezes por semana	34	50,0
	Todos os dias	14	20,6
	Várias vezes por dia	6	8,8
Motivo marido	Compras	10	14,7
	Trabalho	34	50,0
	Apoio familiar	4	5,9
	Outro	16	23,5
	100	4	5,9

Como podemos ver na Tabela 1, a maioria das mulheres inquiridas no estudo são casadas (70,6%), sendo que durante o período de confinamento social obrigatório saíram de casa 1 a várias vezes por semana (41,2%), pelo fato de precisarem fazer compras (41,2%). Já os parceiros precisaram sair várias vezes por semana (50,0%) para trabalhar (50,0%).

Não é novidade para ninguém que a pandemia do COVID-19 constitui uma ameaça na vida das pessoas. A mesma afetou a vida das pessoas no que tange às dimensões familiares, escolares, de lazer e laborais (Ornel, Schuch, Sordi & Kessler, 2020). Com tais restrições, as pessoas viram-se na obrigação de sair de casa apenas para suprir as suas necessidades básicas. Neste estudo verificou-se que, em geral, as inquiridas saíram apenas para obter bens a fim de colmatar as necessidades.

**Tabela 2.** Dados Sociodemográficos (esposa, marido e familiares)

Variáveis		Frequências	Percentagens
Outros familiares	Não	26	38,2
	Sim	42	61,8
Relações familiares quarentena	Boas	20	47,6
	Razoáveis	20	47,6
	Más	2	4,8
Relações com marido	Boa	44	64,7
	Razoável	18	26,5
	Má	2	2,9
	Péssima	2	2,9
	100	2	2,9
Quarentena sexo	Não tive	8	11,8
	Mesma frequência	44	64,7
	Mais frequência	12	17,6

No concernente ao fato de existirem outros familiares a coabitarem com o casal durante o mesmo período, 61,8% das mulheres responderam que as relações estabelecidas foram entre boas e razoáveis (47,6%). O mesmo aconteceu com as relações estabelecidas com o marido, que permaneceram entre boas e razoáveis (64,7%). Relativamente à prática sexual, 64,7% afirmaram que mantiveram a mesma frequência. Uma vez que a fase de confinamento constituiu um momento novo de convivência, as relações familiares consistiram num desafio pela variedade de emoções entre as pessoas (Gomes, 2020). Ainda assim, as famílias ficaram mais próximas, e tal como afirmam Basso, Schonardie-Filho, Barriquelo, Roncaglio e Dallabrida (2020), durante tal transição foi de extrema importância que as famílias mantivessem a interação e os vínculos afetivos no sentido de constituir motivação para ultrapassar tal período de maneira mais tranquila.

**Tabela 3.** Dados Sociodemográficos (esposa e marido – violência)

Variáveis		Frequências	Percentagens
Marido relações fora	Não	40	58,8
	Não sei	16	23,5
	Sim	12	17,6
Motivo conflito familiar	Não	8	44,4
	Sim	10	55,6

Variáveis		Frequências	Percentagens
Violências em casa	Não	52	76,5
	Às vezes	12	17,6
	Sim	4	5,9
Período Quarentena	Melhorou	6	37,5
	Igual	8	50,0
	Piorou	2	12,5
Mais violento com	Ninguém	50	73,5
	Comigo	14	20,6
	Vários	2	2,9
	100	2	2,9
Tipo violência	Psicologia	10	62,5
	Física	4	25,0
	Outra	2	12,5

Um aspecto contraditório foi o de que 40% das inquiridas responderam que os parceiros não têm relações extraconjugais, porém, 55,6% das que o afirmaram, referiram que constituiu motivo de conflito familiar o fato de os parceiros terem outra relação para além da convencional. As relações extraconjugais configuram traição, sendo esta definida na visão de Ferreira (2018) como o rompimento de um laço de confiança na relação, o que vem a provocar, por um lado desgaste emocional do cônjuge afetado e por outro, pode acabar por alterar todo o âmbito familiar. Situações de discórdia entre o casal, manifestadas na forma de conflito conjugal, podem caracterizar-se por diferentes razões (Benetti, 2006), sendo que uma das razões é a existência de relações extraconjugais, o que foi verificado na nossa pesquisa.

A maioria das mulheres da nossa amostra não evidenciou violência em casa (76,5%), mas para aquelas que referiram ter sofrido violência por parte do parceiro durante o período de quarentena, a mesma manteve-se igual ao habitual (50,0%), sendo a psicológica a que mais se destacou (62,5%).

Redondo, Pimentel, Correia e Vicente (2012) abordam que, apesar da violência psicológica ser mais difícil de ser operacionalizada, geralmente é tida como o conjunto de ações verbais ou não que causam danos simbólicos na vítima. A mesma abrange insultos, ameaças, críticas, humilhações, desvalorizações, intimidações, isolamento social, privação de contacto com a família e amigos, reavistar objectos pessoais (agenda, telemóvel...), privação de documentação pessoal entre outros.

**Tabela 4.** Itens sentimentos

Variáveis		Frequências	Porcentagens
Item 6.1	Muito calma	16	23,5
	Calma	30	55,9
	Nada calma	14	20,6
Item 6.2	Nada nervosa	45	66,2
	Nervosa	13	19,1
	Muito nervosa	8	11,8
Item 6.3	Muito confiante	8	11,8
	Confiante	44	64,7
	Nada confiante	16	23,5
Item 6.4	Muito tranquila	8	11,8
	Tranquila	46	67,5
	Nada tranquila	14	20,6
Item 6.5	Sem medo	24	35,3
	Medo	38	55,9
	Muito medo	6	8,8
Item 6.6	Nada assustada	34	50,0
	Assustada	26	38,2
	Muito assustada	8	11,8
Item 6.7	Nada baralhada	42	61,8
	Baralhada	20	29,4
	Muito baralhada	6	8,8
Item 6.8	Muito agressiva	68	100,0

No que se refere aos sentimentos, durante o período de quarentena 55,9% frisaram que mantiveram-se calma, 66,2% não remeteram ao nervosismo, 64,7% confiantes, 67,6% tranquilas, 55,9% com medo, 50,0% nada assustadas e 61,8% nada baralhadas. Paradoxalmente, algumas pesquisas concluíram que o *stresse* e sentimentos de frustração e de aborrecimento constituíram efeitos negativos durante a quarentena (Barros, *et al.*, 2020), sentimentos estes que não se verificaram nas inquiridas.

O sentimento de medo foi consonante entre a literatura e a pesquisa, uma vez que na visão dos autores, o medo da infecção constituiu um sentimento negativo durante o confinamento.

Todas as inquiridas neste estudo referiram que se mostraram mais agressivas (100%). Na visão dos autores, durante o confinamento social, comportamentos agressivos podem ser verificados, uma vez que informações deturpadas e pouco

verídicas sobre a doença instigam a reações de raiva e de agressividade (Wang, *et al.*, citados por Ornell, *et al.*, 2020).

**Tabela 5.** Médias e Desvio Padrão das variáveis contínuas e totais

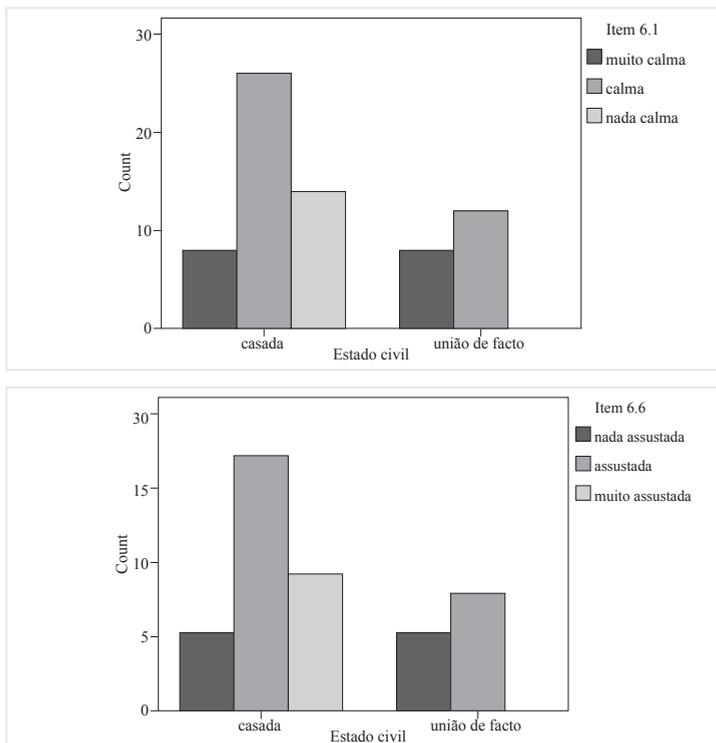
Variáveis	Média	Desvio Padrão
Idade	37,09	11,881
Idade marido	40,21	11,460
Tempo convivência	15,56 (anos)	18,491
N parentes convivência	49,56	47,933
Total violência	10,3529	4,97085
Total sentimentos	12,5000	2,90393

A média de idade das mulheres foi de 37 anos (37,09; DP=11,881); dos maridos 40 anos (40,21; DP=11,460). A média de tempo de convivência entre o casal foi de 15 anos e meio (15,56 anos; DP=18,491).

O total de violência neste estudo encontra-se na faixa da violência moderada (6 a 12 pontos), com uma média de 10,35. O mesmo aconteceu com os sentimentos relativos à ansiedade, ou seja, revelou-se uma ansiedade média (7 à 14 pontos), uma vez que a média desses sentimentos foi de 12, 5.

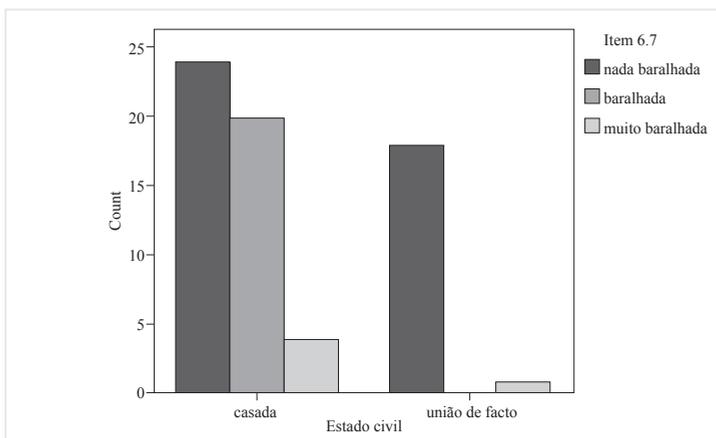
Atendendo que as mulheres em estudo referiram conflitos conjugais devido a relações extraconjugais por parte dos maridos, recorremos ao teste *t de student* para verificar a correlação entre as variáveis que dizem respeito a este fato. Ao correlacionar a variável “marido com relações fora” com a “violência em casa” verificamos que as mesmas estão relacionadas ( $\chi^2(68)=9,701;p<.008$ ), sendo que as mulheres que afirmaram que os maridos não têm relações fora do casamento maioritariamente também não têm violência familiar, as que afirmaram não saber se têm ou não sofrem violência às vezes, enquanto que metade das que afirmaram que os maridos têm outras parceiras sofrem de violência familiar. A mesma variável (marido tem relações fora do casamento) cruzada com as “relações com o marido” deu igualmente significativa ( $\chi^2(68)=25,377;p<.000$ ), mostrando que as mulheres cujos maridos não têm outras parceiras quase na totalidade têm boas relações com os mesmos, as que afirmam não saber estão divididas entre boas, razoáveis e péssimas, ao passo que as que confirmam que os maridos têm outras parceiras afirmam ter relações razoáveis ou más com os maridos. Ainda, os maridos com relações fora do casamento mostraram-se mais violentos para com as mulheres no período de quarentena ( $\chi^2(68)=15,113;p<.001$ ) e a violência mais frequente foi a psicológica. Estes dados confirmam a teoria, uma vez que a existência de outras mulheres interfere na vida do casal e aumenta a violência doméstica.

**Figura 1 e 2.** Significância entre a variável “estado civil” e as variáveis “calma” e “assustada”



Nota. Foi possível verificar uma relação entre a variável “estado civil” e os itens “calma” ( $\chi^2(68)=8,657;p<.003$ ), “assustada” ( $\chi^2(68)=5,672;p<.017$ ) e o “baralhada” ( $\chi^2(68)=7,25;p<.007$ ). Podemos notar que as mulheres com estado civil Casada, mostraram-se mais calmas e nada assustadas, remetendo a um estado de proteção por parte dos companheiros pelo fato de serem casadas e não estarem apenas a viver em união de facto.

**Figura 3.** Significância entre a variável “estado civil” e a variável “nada baralhada”



Nota. É interessante notar que na relação entre o “estado civil” e o item “baralhada”, a quase totalidade das mulheres que vivem em união de facto consideram-se “nada baralhadas”, enquanto que as casadas estão equilibradas entre o nada baralhadas e o baralhadas. Aqui parece que o casamento não funciona como proteção para este sentimento.

## Conclusão

A Pandemia da COVID-19 tem afetado o mundo na sua globalidade. As famílias, por se verem em estado de isolamento social obrigatório, foram igualmente afetadas. Uma das possíveis consequências do confinamento social é a violência doméstica contra as mulheres, o qual foi alvo da nossa investigação.

Fruto do estudo da violência doméstica em período de quarentena, podemos extrair que a maioria das mulheres inquiridas na nossa amostra são casadas, sendo que, tanto elas como os parceiros precisaram sair de casa durante o isolamento várias vezes por semana para fazer compras ou para trabalhar.

A maioria, para além do parceiro, dividiram a familiaridade com outros parentes, sendo que estabeleceram com eles boas relações, bem como com o marido. No que concerne à frequência do ato sexual, durante essa fase manteve-se inalterada. A maioria apontou que o parceiro não tem relações extraconjugais, o que parece não corresponder à realidade, uma vez que, para aquelas que realçaram tal situação, as relações extraconjugais dos maridos constitui um motivo de conflito familiar.

No que toca à violência, no geral, a grande maioria não evidenciou, mas as que realçaram ser vítimas de violência psicológica, concernente aos sentimentos inerentes à ansiedade, os resultados indicaram uma predominância moderada.

## Referências

- Alencar, J., Stuker, P., Tokarski, C., Alves, I., & de Andrade, K. (2020). *Políticas Públicas e Violência Baseada no Género Durante a Pandemia da Covid-19: Acções Presentes, Ausentes e Recomendadas*. Brasília: Ipea.
- Barros, M. B. A., Lima, M. G., Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Azevedo, R. C. S., Romero, D., Souza Júnior, P. R. B., Azevedo, L. O., Machado, I. E., Damacena, G. N., Gomes, C. S., Werneck, A. O., da Silva, D. R. P., de Pina, M. F., & Gracie, R. (2020). Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29 (4). <https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018>.
- Basso, M. S. R., Schonardie Filho, L., Barriquello, F. G., Roncaglio, G., & Dallabrida, M. J. (2020). *Quarentena domiciliar em tempos de pandemia*. Santa Rosa: Salão do Conhecimento.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200012>.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 25 (1), 9-21.

- Ferreira, A. A. (2018). *Possibilidade de Indemnização por Danos Morais Advindos da Infidelidade nas Relações Conjugais* (Monografia apresentada ao Curso de Direito do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Brasil.
- Gomes, N. B. (2020). Vivências durante o período da quarentena. *GOGITARE*, 3 (1), 91-93.
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e Possíveis estratégias. *Revista Debates em Psiquiatria*, s.v (s.n), 1-7.
- Redondo, J., Pimentel, I., Correia, A., & Vicente, H. (2012). Parte I Violência familiar entre parceiros íntimos: da leitura e compreensão à intervenção. Em J. Redondo (Ed.), *Manual Sarar Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar, Referenciar: Uma proposta de manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/entre parceiros íntimos* (pp. 27-155). PIR.

Data receção: 31/05/2021

Data aprovação: 01/03/2022